

**125^o aniversário da canonização de
Santo Antônio Maria Zaccaria**



Conferências

Mas o que parece impossível, se torna muito fácil com a ajuda de Deus, desde que não neguemos a nossa colaboração.

Santo Antônio Maria Zaccaria (Carta 3 - 10308)

Por ocasião da solenidade do SANTO FUNDADOR

Caríssimos confrades, no contexto das festas jubilares pelo 125º aniversário da Canonização de nosso Pai Fundador, Santo Antônio Maria Zaccaria, celebramos, nessa data, a solenidade litúrgica de seu nascimento no céu.

Nessa ocasião, desejo me unir a todos vocês em um agradecimento pelo empenho realizado por toda parte para celebrar esse evento com tríduos, novenas e Quarenta Horas, não só em nossas comunidades religiosas, mas também com as comunidades eclesiais a nós confuadas ou próximas. Isso representa para mim – e tenho convicção de que igualmente para todos vocês – um sinal de apego e afeto para com nosso Pai, bem como de empenho em seguir seus rastros por parte de todos nós, no caminho de santidade para o qual fomos chamados pela graça de Deus.

Nosso próprio santo Pai e Fundador nos chama a essa tarefa, especialmente no que nos deixou escrito, quase em forma de testamento: *“Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem, - que se tornem grandes santos, preocupando-se com o aperfeiçoamento de suas qualidades e com o gesto de oferecê-las de volta ao Cristo Crucificado, pois vocês as receberam Dele” (11106).*

Trata-se de um chamamento à santidade, que nos impulsiona a encarnar essa tarefa inclusive nas situações críticas atuais em que nos encontramos, seja por causa da pandemia ainda em curso, seja pelos ventos de guerra que sopram só aparentemente distantes de nós, mas que induzem a instabilidades e inseguranças por toda parte no coração da humanidade; não menos significativas sendo as controvérsias de caráter religioso no interior da Cristandade e mesmo da própria Igreja Católica: situação que, paradoxalmente, parece nos projetar para os tempos de nosso Fundador. No entanto, é exatamente aqui e agora – e

nesse contexto – que, como nos tempos do Fundador, somos chamados a prestar nosso testemunho e nosso serviço de consagrados, quer individualmente, quer como comunidade.

Acolhendo o convite do Santo Fundador, façamos com que esse ano jubilar, que ora celebramos, se torne cada vez mais experiência de vida, através das iniciativas que poderemos e saberemos pôr em campo, não apenas como memória do passado, mas como estímulo a tornar atual a memória do santo e concretos seus ensinamentos no viver e agir quotidiano, na sequela de Cristo, para que, imitando-o, deixemos um sinal significativo e concreto da santidade que o Espírito Santo imprimiu em nossa vida com o Batismo e que somos chamados a fazer resplandecer, para ser luz do mundo e sal da terra.

Em linha com o quanto já posto em ação, proponho, aqui, a leitura dos textos das conferências transmitidas *online*, de modo a permitir que todos os que a elas não tiveram acesso possam usufruir de um possível instrumento de reflexão. As iniciativas se multiplicarão no curso desse ano celebrativo, até 27 de maio de 2023 e, se já no número anterior desse Boletim informativo, nos foi dado um instrumento de oração pessoal e comunitária, elaborado pelos professores do Estudantado Romano, nos próximos números poderemos fornecer outros instrumentos aptos a indicar iniciativas realizadas pelas diversas Províncias e pelo Governo Central.

Valho-me da ocasião para desejar a todos vocês – Confrades, Coirmãs Angélicas, Leigos de São Paulo e Afiliados –, assim como aos diversos ramos nascidos da cepa zaccariana (Filhas da Divina Providência, Missionárias de Santa Terezinha do Menino Jesus, Discípulas do Crucifixo, Pequenas Irmãs Operárias do Sagrado Coração e Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Terezinha), uma serena festa litúrgica do Santo Fundador. Boa solenidade! Boas Festas!

Pe. Francisco Chagas Santos da Silva, B.
Superior Geral

Os Escritos do Fundador

Atualidade da mensagem para a Congregação

P. Antonio M. Gentili

Nenhum de seus filhos – e nenhuma de suas Filhas – contestariam o que estou para afirmar, isto é, que podemos estender a todos os Escritos saídos da pena – e do coração – de Antônio Maria o legado testamentário entregue ao casal Omodei 15 dias antes de morrer: “*Não lhes escrevi palavra alguma que não tenha em si algo de especial. Se o encontrarem, penso que lhes será extremamente útil e de grande proveito*” (Carta XI de 20 de junho de 1539 - 11109). Isso motiva – como ecoa do título da presente conversação – “a atualidade da mensagem para a Congregação”, contida nos Escritos zaccarianos.

Voltar a esses Escritos é uma espécie de impulso interior, na medida em que, a cada dia, pedimos a nosso Santo que “olhe do céu e visite a vinha plantada por sua mão direita e a conduza à perfeição”. No testemunho de nossos historiadores parece-me possível encontrar a prova do fato de que Antonio Maria não tenha deixado de “olhar” e “visitar” sua vinha. O primeiro e mais prestigiado, padre Giovanni Antonio Gabuzio, assim escreve na *Historia Congregationis*: “... *Per quietem, Deo demonstrante, praevidisse quid futurum esset de universa hac Congregatione; Estando adormecido, previu, como Deus lhe mostrou, o que aconteceria a toda essa Congregação*” (p. 72). Se está escrito “toda a Congregação” e seu “futuro” ..., pensam vocês que o olhar do Santo não abraçaria também a atual?

Permitam-me, agora, uma digressão autobiográfica. Pessoalmente, posso oferecer uma prova do olhar e do interesse clarividente de nosso abençoado Pai. Eram passados não poucos anos da ordenação e minha mãe – cuidadosa com suas coisas, como era – casualmente encontrou em seu livro de orações uma pequena imagem de Antônio Maria, que remontava ao tempo da Canonização, ocorrida cerca de vin-

te e cinco anos antes de seu casamento (estamos em 1921). A imagem lhe fora dada por uma amiga milanesa, moradora de Carrara, sendo, sem dúvida, uma lembrança da solenidade com que – especialmente em Milão – fora vivido aquele evento. Minha mãe, filha de pais lombardos, estava às vésperas do casamento e, provavelmente, nutria alguma perplexidade devido ao ambiente de Carrara, que, em determinados aspectos, lhe era novo. E a velha amiga a encorajou, convidando-a a rezar para o Santo e assegurando-lhe que “ele faz milagres!”

Para me manter no tema dessa conversa, devo ressaltar a atualidade da mensagem que podemos extrair dos Escritos – e, antes ainda, da vida – de nosso Fundador. Aqui, está em jogo a cultura. Também nesse ponto, vocês vão me perdoar mais uma digressão. Estamos em 1951. Tratava-se de decidir a que instituto eu deveria encaminhar meu pedido de ingresso. À época, meu pai espiritual era um capuchinho, dentre outras coisas, autor de uma biografia de Santa Catarina de Gênova, cujo prefácio fora escrito pelo padre Semeria! E foi o capuchinho quem recomendou o meu ingresso nos Barnabitas, Congregação bastante apreciada em Gênova, dado o clima cultural que se respirava na família. Talvez por toda essa série de coincidências providenciais, eu possa dizer que jamais se apagou o interesse e a presença frequente de nosso Santo nesses 70 anos desde meu ingresso na Congregação.

Entendo **ser urgente uma volta a seus Escritos** e à mensagem deles emanada, pois neles estão nossas raízes. E ousaria afirmar que tal urgência se faz ainda mais evidente, quando pensamos no estado atual da Congregação, que, providencialmente, conta com uma crescente presença de indivíduos que, por suas origens, não pertencem àquele universo cultural em cujo âmbito a Congregação se moveu nos séculos anteriores. Urge, pois, uma verdadeira “operação cultural”, convindo partir da herança que nos foi deixada por Antonio Maria e que se desenvolveu pelos séculos.

Antônio Maria se inscreve, para todos os efeitos, na tradição humanística e patrística (quando não escolástica) e em seu patrimônio

cultural, como podemos extrair dos Escritos. Acredito que seja um verdadeiro sinal dos tempos a crescente atenção a esses reservados, a partir de padre Orazione Premoli, até chegar aos padres Giuseppe Cagni e Franco Ghilardotti. É significativa a ênfase que Antônio Maria atribuiu ao estudo em suas Constituições, chegando a idealmente prover a biblioteca de seus filhos com uma série de textos, que podemos considerar que constituíssem seu próprio patrimônio, encontrando-se uma correspondência na prestação de contas das leituras e estudos a que deviam dedicar-se seus discípulos. Padre Premoli recuperou essas páginas extraordinárias em sua História (“Letture preferite dai primi barnabiti”, pp. 494-499). Uma sistematização posterior desse aspecto de nossa história pode ser encontrada nos “Quaderni di vita barnabita”, 4, pp. 13-50, a que nos reportamos.

Embora exíguos em termos de quantidade, os Escritos zaccarianos encerram uma riqueza tal de modo a se constituírem em fonte de ensinamentos e sugestões bastante úteis para uma prática espiritual consciente. Dessa constatação nasceu o Prontuário para o espírito, publicado em 1994, ao qual é forçoso fazer constante referência. Podemos afirmar, sem temor, que é possível reconstruir uma visão de conjunto do ideal de vida que Antônio Maria deixou de herança a seus filhos. Acolhê-lo, aprofundá-lo e dele fazer razão de ser de nossa fisionomia barnabita constitui uma real urgência! É a aposta para o futuro da Congregação. Somente desse modo poderemos colher o “estilo” que deveria caracterizar nossa vida. É evidente a atualidade de que se reveste esse termo, sobre o qual, na realidade, gira o magistério de papa Francisco. Somente na *Evangelii gaudium* e na *Laudato si'* aparecem por volta de trinta chamadas a esse respeito!

Já se disse que “o homem é um animal simbólico”. “Le style c’est l’homme”, sustentam os franceses e, antes deles, os escolásticos julgavam que “forma dat esse rei; a forma confere/expressa a própria natureza da coisa”. A revisão de nossas *Regras dos Ofícios* obedece a esse intento. A propósito, parecem-me profundamente atuais as indi-

cações oferecidas por nosso Santo, quando fala do padre Mestre, a fim de que ensine aos noviços todo o conjunto de atitudes e práticas que dão identidade ao “homem religioso”. A cultura dominante, desleixada e tolamente simplificadora – triste herança de sessenta e oito – priva nossa vida religiosa (mas, não só!) daquele “estilo”, cuja alma profunda devemos redescobrir e dela nos reapropriarmos. Peço dispensa de exemplificações!

À luz do que estamos dizendo, não posso deixar de me sentir mais do que contente com o fato de se vislumbrar, em tempos relativamente próximos, uma edição integral dos Escritos zaccarianos, a oportunidade incluir o texto crítico das *Cartas* e dos *Ditos notáveis*, com nova tradução em língua corrente, além de amplas introduções, acurada compilação de notas e uns trinta Excursus, de modo a recolher a consistência cultural dos ensinamentos de nosso santo Pai. Como o trabalho está – espera-se – na treta de chegada, valho-me da ocasião, juntamente com o padre Giovanni Scalsese, *magna pars* da iniciativa, para lhes dar algumas informações a respeito.

Trata-se de um trabalho considerável, com umas 600 páginas em formato A4, tudo fazendo crer que não demorará a ser publicado pelas edições San Paolo. A esse propósito, aqui vai uma confidência. Da mesma forma que o *Prontuário*, financiado pelo legado de uma assídua frequentadora dos encontros em Eupilio, há poucos dias, uma senhora romana, moradora da ilha de Elba, me telefonou inesperadamente, lembrando-me de uma antiga promessa de um legado para nossa Ordem. Devo mesmo reconhecer que Antônio Maria... não está de brincadeira! E que “*quem carrega o peso é ele e não nós...* Por isso, procuremos não faltar com a nossa parte *que o próprio Cristo Crucificado vai fazer o resto, ou fará pela intercessão de nosso Pai*” (cf. 10401) Antonio Maria. Quod felix, faustumque sit!

Nesse ponto, é oportuno abraçar, em uma visão de conjunto, o ensinamento que nosso Santo dirigiria, hoje, a seus filhos e filhas. O que venho dizendo é apenas um eco incompleto dos ensinamentos de

Antonio Maria. Permito-me reportar-me aos dois “Quaderni di vita barnabítica” 4 e 6, que contêm os “Appunti per una lettura spirituale” de seus Escritos.

Vejo o ensinamento do Santo compendiado na primeira página do Sermão II, em que ele ilustra magistralmente o que seja a verdadeira vida espiritual (cf. 20201). Antônio Maria desejava promover a vida espiritual de todos que acolhera no cenáculo reformador da *Amizade*, convencido que estava de que os tempos em que vivia estavam marcados pela promessa de renovação dos homens e das mulheres (Sermão VI, sobre a tibieza). Extraía essa convicção do fato de conhecer bem as instâncias reformadoras que emergiam na Igreja e tinham assumido formas de contestação radical com o desvio luterano.

Fazia-se necessário um verdadeiro **despertar espiritual**, que tomou corpo em Milão, especialmente no cenáculo da *Eterna Sabedoria*, que se constituiu no berço dos nascentes Três Colégios paulinos. Da primeira página do Sermão II, que estamos citando, emerge, em letras claras, a visão, ao mesmo tempo antropocêntrica e trinitária, pano de fundo da vida espiritual. Antropocêntrica porque põe em questão o homem em suas dimensões espirituais (compreender, querer e fazer memória; esse último termo indicando o vivido), psíquicas (sentir) e físicas (carne); e teologais, que vão levar a Deus (exultam no Deus vivo), a Cristo (vive no homem...), ao Espírito santo (que o governa).

É dessa premissa que nasce o anseio reformador, na medida em que nos tornando “*o exemplo vivo de Cristo*”, uma espécie de reencarnação em seus seguidores..., possamos fazer atuante seu projeto de salvação. Fica, pois, evidente como a verdadeira vida espiritual, por sua natureza, leva de uma dimensão pessoal a um resultado apostólico. Sendo esse ensinamento retomado na carta às Angélicas, escrita às vésperas da missão em Vicenza, compreendemos como o Santo as apostrofa, qualificando-as como “apóstolas”, chamadas a “*destruir*” a “*idolatria*”, que, junto com a **tibieza**, desfiguravam o rosto cristão de seus contemporâneos. Se a tibieza indica a perda de incisividade na

prática cristã, a idolatria denuncia um verdadeiro desvio secularista: para a Bíblia, a idolatria, mais do que o ateísmo, é um indicativo de como tantos voltam as costas a Deus, porque, de fato, o substituem com sucedâneos da divindade.

Era familiar a Antônia Maria a convicção de que o homem, por sua natureza, é devedor; tem um débito a saldar para com Aquele que, com a existência, lhe concedeu e lhe concede o máximo de dons. Em outras palavras, o homem é responsável; deve responder em que medida o dom recebido (graça) se traduz em um dever (esforço). Gosto de visualizar nos termos responsabilidade/responder uma evocação do “pondus”, do peso e, assim, do empenho que, às vezes, pode parecer oneroso, mas que pode ser enfrentado em virtude da oração, que abre as portas para a graça (cf. Constituições, quando falam do “peso” da vida religiosa). E mais: responsabilidade pode evocar “esposalício” e, assim, o vínculo de amor que une a criatura a seu Criador.

Nesse ponto, gostaria de trazer o âmago profundo da visão da vida espiritual, que nos foi dada por Antônio Maria, isto é, que essa é uma verdadeira e extraordinária aventura de amor. No Sermão I (em sua dupla versão...), ele afirma categoricamente, duas vezes, que “a lei de Deus é lei de amor”, qualificada como “amor de Cristo”: que Dele provém e a Ele conduz! Trata-se do “amor do santo Espírito” que o Santo contrapõe àquele “natural”. Um discurso que Antônio Maria retoma no Sermão IV, onde é dito, com clareza, que “para amar a Deus, só amando o próximo”.

Como se vê, para Antônio Maria, ascese e caridade são as duas faces da mesma moeda!

Antonius Alter Paulus

P. Giovanni M. Scalese

A tradição católica aplica aos sacerdotes o epíteto *alter Christus*: o sacerdote é “um outro Cristo”. Há cerca de 25 anos, em uma semana de espiritualidade realizada em Nápoles, como preparação para o centenário da canonização de Antônio Maria Zaccaria, tomei a liberdade de aplicar a nosso Fundador uma expressão análoga: *Antonius alter Paulus* – Zaccaria foi “um outro Paulo”. No século XVI, foi, por assim dizer, uma “reencarnação” do Apóstolo. Podemos nos indagar se seria legítima uma afirmação do gênero: é possível que o espírito de um santo reviva, após muitos séculos, em um homem pertencente a um ambiente e a uma cultura totalmente diversos?

Bem, o Antigo Testamento já afirmava, a propósito da sabedoria, que essa, “embora única, tudo pode; imutável em si mesma, renova todas as coisas. Ela se derrama de geração em geração nas almas santas e forma os amigos e os intérpretes de Deus” (Sb 7,27). A sabedoria, atributo divino, é uma só e permanece sempre idêntica a si mesma; mas lhe agrada se estabelecer nas “almas santas”, que, embora pertencendo a tempos e lugares diversos, possuem a mesma sabedoria, que faz delas “amigas e intérpretes de Deus”.

Em nossos dias, o Catecismo da Igreja católica confirmou essa possibilidade: “Na comunhão dos santos desenvolveram-se, ao longo da história das Igrejas, diversas espiritualidades. O carisma pessoal de um testemunho do amor de Deus pelos homens pôde se transmitir, como “o espírito” de Elias a Eliseu [cf. 2Rs 2:9] e a João Batista [cf. Lc 1,17], para que alguns discípulos participassem de tal espírito [cf. PC 2]” (n. 2684). O Catecismo fala da possibilidade de compartilhamento do carisma pessoal de um homem de Deus com os próprios discípulos. Dá o exemplo do profeta Elias, cujo espírito passou, de imediato, ao profeta Eliseu, sendo retomado, após muitos séculos, por João Batista,

como veio a dizer o arcanjo Gabriel a Zacarias: “e irá adiante de Deus com o espírito e poder de Elias” (Lc 1,17) e como, mais adiante, o próprio Jesus confirmou: “E, se quereis compreender, é ele o Elias que devia voltar” (Mt 11,14).

O Catecismo acrescenta que as várias espiritualidades, manifestadas na Igreja através dos séculos, “em sua rica diversidade, refletem a luz única e pura do Espírito Santo”, referindo-se, a propósito, a uma bela afirmação de São Basílio Magno: “O Espírito é efetivamente o lugar dos santos e, para o Espírito, o santo é uma morada especialmente adequada, pois ele se oferece para morar com Deus, sendo denominado seu templo” (*Liber de Spiritu Sancto*, 26, 62). O que o Antigo Testamento atribuía à sabedoria de Deus, o *Catecismo*, agora, atribui à terceira Pessoa da Santíssima Trindade: o Espírito Santo é uno, mas se manifesta em múltiplas formas, diferentes umas das outras, doando a cada um seu carisma específico. Em alguns casos, o Espírito pode doar o mesmo carisma a mais de uma pessoa, contíguas no tempo e no espaço (como com Elias e Eliseu), ou vivendo à distância de séculos (como no caso de Elias e João Batista).

Esse último também é o caso de Paulo e Antônio Maria Zaccaria: após 1500 anos, o carisma do Apóstolo foi encarnado por esse humilde sacerdote de Cremona, para que o tornasse presente em uma época – o século XVI – na qual muitos apelavam para Paulo, mas, infelizmente, sem possuir seu espírito. Nesse sentido, pode ser útil reler o que o então cardeal Ratzinger disse, durante a celebração do centenário da canonização de santo Antônio Maria Zaccaria, na igreja de S. Carlo ai Catinari, em 28 de maio de 1997, palavras posteriormente reproduzidas no prefácio à biografia escrita por Angelo Montonati, *Fogo na cidade*: “Devo dizer que a figura desse santo me é cara porque é uma das grandes personalidades da reforma católica do século XVI, empenhado na renovação da vida cristã em uma época de crise profunda no campo da fé e dos costumes. Sua vida coincide com um período turbulento, no qual Lutero, a seu modo, tentou reformar a Igreja: tentativa

que, como sabemos, acabou na tragédia da divisão da cristandade”.

Nos problemas de seu tempo e de sua vida pessoal, Lutero descobrira a figura de São Paulo e, com a intenção de seguir a mensagem do Apóstolo, iniciou seu caminho. Infelizmente, pôs São Paulo em contraste com a Igreja hierárquica, a lei com o Evangelho e, assim, embora redescobrimo-o, desligou-o da totalidade da vida da Igreja, da mensagem da Sagrada Escritura.

‘Antônio Maria Zaccaria também descobriu São Paulo, quis seguir seu dinamismo evangélico e o viu na totalidade da mensagem divina, na comunidade da Santa Igreja. Parece-me que Santo Antônio Maria Zaccaria seja um homem e um santo de grande atualidade, uma figura ecumênica e missionária, que nos convida a mostrar e a viver a mensagem paulina na própria Igreja; faz ver a nossos irmãos separados que São Paulo tem seu verdadeiro lugar na Igreja Católica, não sendo necessário pôr sua mensagem em contraste com a Igreja hierárquica, existindo sim na Igreja Católica todo o espaço para a liberdade evangélica, para o dinamismo missionário, para a alegria da Evangelho.’ (Angelo Montonati, *Fogo na cidade*, Gráfica Stamppa Ltda., Rio de Janeiro, 2014 p. 8).

Isso aconteceu – acrescentamos – porque Lutero pretendia voltar a Paulo, através de uma leitura direta e pessoal, inevitavelmente subjetiva, de seus escritos. O Paulo de Lutero é um Paulo “incompleto”: um grande teólogo, inteiramente tomado pelo tema, ainda que fundamental, da justificação, mas esquecido de outros aspectos, igualmente importantes, do cristianismo. Antônio Maria não encontrou Paulo em um livro, mas no sulco da tradição viva da Igreja: o seu é o verdadeiro Paulo, Paulo como um todo, com as várias facetas de sua rica personalidade. Não apenas o teólogo das grandes cartas do Novo Testamento, mas um Paulo “em carne e osso”: o místico que encontrara Cristo no caminho de Damasco; o apóstolo que percorrera as estradas do mundo para ali pregar o evangelho; o mártir que, terminada a corrida, versara o sangue por seu Senhor. Esse Paulo continuava – e continua – a viver na

tradição da Igreja: o reencontramos em João Crisóstomo, em Cassiano, em Domingos, em Battista de Crema. Através de sua intermediação, encontrou-o também Antonio Maria Zaccaria que, por sua vez, se tornou outro elo daquela longa corrente, à qual nós também podemos e devemos nos unir, se quisermos reencontrar o Apóstolo em toda a sua autenticidade e integridade.

Se quisermos precisar ainda mais no que consiste o paulinismo de Zaccaria, podemos dele encontrar uma breve descrição em um dos documentos mais antigos de nossa história, as *Attestazioni* de padre Battista Soresina: “Era muito devoto e grande imitador do apóstolo Paulo. Continuamente tinha em mãos suas epístolas e, lendo-as, sentia grande prazer; ele as lia como se as cantasse. Ao escrever suas cartas, guardava um estilo semelhante ao de São Paulo. Seus discursos eram fundados e tecidos com a doutrina e os ditos do próprio Apóstolo; por isso, em face de sua morte – como, doente na cama, disse ao padre Soresina – lhe apareceu São Paulo, convidando-o a ir com ele, tendo o Padre respondido: ‘De bom grado!’... Desejava escrever sobre São Paulo, mas as contínuas ocupações e a morte prematura o impediram”

Creio que, para ilustrar o paulinismo de Antônio Maria, seja suficiente fazer algumas anotações sobre esse preciosíssimo testemunho ocular.

1. “*Era muito devoto e grande imitador do apóstolo Paulo*”.

A devoção de Zaccaria por Paulo foi bastante precoce: no testamento escrito em 1531, dispôs que o altar mandado construir por sua família na igreja paroquial de São Donato fosse dedicado à Conversão de São Paulo. Antônio Maria assina “padre de Paulo apóstolo” na Carta VII. Dedicada ao Apóstolo a Congregação por ele fundada: os Barnabitas são por ele chamados “filhos de Paulo Santo” (11010; cf. 10714 e 30000); as Angélicas, “filhas de Paulo apóstolo” (10501).

Mas, Zaccaria não se contenta em ser devoto do Apóstolo; esforça-se por ser seu imitador.

Sobre a imitação de Paulo por parte de Antônio Maria, fala também Agata Sfondrati, a chamada “Angélica anônima”: *“seu esforço era para se fazer alheio ao mundo, sendo um verdadeiro imitador do Crucificado e de São Paulo, de quem era extremamente devoto”* (p.15). Padre Secco insiste no mesmo aspecto: “Escolhendo o divino apóstolo Paulo como modelo, mais do que como patrono e guia, não só começou a recorrer à sua paterna proteção e à sua benévola ajuda, mas também se esforçou para dele derivar os estímulos à virtude, os exemplos de honestidade, as próprias palavras adequadas a uma maior exortação dos ânimos.

2. “Continuamente tinha em mãos suas epístolas e, lendo-as, sentia grande prazer; lia-as como se as cantasse”.

Todos os antigos biógrafos insistem sobre esse aspecto:

— Bascape: “Ocupava-se muito com a leitura das epístolas de São Paulo, deliciando-se com elas, a ponto de, com frequência, os irmãos, diante do entusiasmo, praticamente o ouvirem cantar as palavras de Paulo”;

— Gabuzio: “Era extraordinariamente interessado naquelas epístolas, com elas se deliciando”;

— Chiesa: “As epístolas [de Paulo] eram sua leitura contínua; pronunciava as palavras delas com uma certa energia e alteração de voz, vestindo-se em sua mente do afeto com o qual acreditava tê-las escrito o Apóstolo”;

— Secco: “O teor de vida próprio desse homem angélico foi o seguinte: ocupar-se muito com as epístolas do divino Paulo e com essas deliciar-se extraordinariamente, tanto que, pelo entusiasmo, os companheiros ouviam-no praticamente cantar as palavras de Paulo”.

Naqueles mesmos anos, humanistas e reformadores também comentavam as epístolas paulinas, mas o enfoque de Antônio Maria era totalmente diverso: sua leitura não era filológica e, menos ainda, um “exame livre”; sua leitura era a de um filho que lê as cartas do pai, de

um enamorado que lê as cartas da pessoa amada. Como dito, sua interpretação de Paulo não rompia com a tradição da Igreja, ao contrário, radicava-se nessa: lia o Apóstolo na esteira dos santos padres, dos doutores da Igreja e dos grandes autores espirituais.

3. *“Ao escrever suas cartas, guardava um estilo semelhante ao de São Paulo”*.

Também sobre esse aspecto os primeiros historiadores da Ordem não hesitam:

— Bascapè: “Quando escrevia cartas aos irmãos ou a outros, com o fim de exortação, elas pareciam ter um quê de eficácia paulina (nescio quid paulinæ efficacix)”;

— Gabuzio: “Escrevendo cartas aos irmãos ou a outros, com o fim de exortação, o que fazia com frequência, acontecia de parecer ter um quê de espírito apostólico (nescio quid apostolici spiritus)”;

— Secco: “Não havia nada mais forte para comover o espírito, nada mais ardente para inflamá-lo, do que as cartas de Zaccaria, certamente dignas de um herdeiro do espírito e do fervor de Paulo (hæres paulini spiritus et fervoris)”.

Os intérpretes modernos também falaram de afinidade no estilo epistolar dos dois autores. Basta citar aqui o que disse padre Premoli em sua *Storia dei Barnabiti nel Cinquecento*: “As cartas de santo Antonio Maria atestam, por si sós, o estudo que ele fazia das epístolas paulinas; nas saudações com que as conclui, parece-nos quase reler São Paulo”. Nós mesmos, ainda hoje, podemos observar pessoalmente o estilo paulino das cartas de Antônio Maria: basta ler, por exemplo, a Carta VII, escrita aos Barnabitas em 3 de novembro de 1538, definida como “a mais paulina das cartas de nosso Santo”.

4. *“Seus discursos eram fundados e tecidos com a doutrina e os ditos do próprio Apóstolo”*.

O fato de a pregação de Zaccaria (e de seus filhos espirituais) se basear nos ensinamentos de São Paulo nos é confirmado por todos os biógrafos:

- Bascapè: “Era comum extrair frases muito ardentes de Paulo”;
 - Gabuzio: “Nos discursos ao povo ... extraía frases ricas de sabedoria divina, especialmente das epístolas de São Paulo;
 - Chiesa: “Ao fazer sermões, tinha às mãos as frases mais belas e sérias de São Paulo”;
 - Tornielli: “Nas festas, padre Antônio Maria dava lições sobre as epístolas de São Paulo a muitos dos leigos que vinham ouvi-lo”.
- Preciosíssimos documentos das pregações de Zaccaria são seus Sermões *juvenis*, verdadeiramente ricos de citações paulinas. A primeira parte do Sermão IV não é nada mais do que um comentário, muito bem feito, do hino da caridade de São Paulo (1Cor 13). Mas, nos parece que o testemunho mais interessante da pregação paulina de nosso Fundador seja seu discurso de 4 de outubro de 1534, uma verdadeira *lectio divina* sobre um texto paulino: “*Nós, estultos, por causa de Cristo*” (1Cor 4,10).

Se formos buscar nos Escritos zaccarianos as citações paulinas, encontraremos 29 {? Deveriam ser 26}: 3 nas Cartas e 23 nos Sermões. Mas, para além das citações explícitas, há quem tenha contado umas 834 referências paulinas em 1371 referências ao Novo Testamento e 1717 às Escrituras como um todo.

Se, além disso, nos perguntássemos quais seriam as doutrinas paulinas majoritariamente recorrentes nos Escritos de Zaccaria, certamente deveríamos indicar a *theologia crucis*; a doutrina da necessidade da caridade e a da mediação do homem e das criaturas em geral; o “caminho do meio”; a distinção entre preceitos e conselhos; a distinção entre as quatro espécies de orações; a terminologia do *proveito*. Mas, trata-se apenas de uma enumeração indicativa.

5. “*Em face de sua morte – estando, doente na cama, disse ao padre Soresina – que lhe apareceu São Paulo, convidando-o a ir com ele, ao que o Padre respondeu: ‘De bom grado!’*”.

Uma vida inteiramente vivida com referência a Paulo só poderia se concluir junto com ele. Assim notou o jurista milanês Giu-

seppe Maria Vaillati, durante os processos para beatificação de Antônio Maria: “Observo ainda, como prova da santidade de Zaccaria, que, tendo em sua vida tomado como protetor especial o apóstolo São Paulo e como sujeito de suas instruções, pregações, etc. o mesmo Apóstolo, teve o consolo de sua aparição no momento de sua morte, como narra a maior parte dos escritores que falaram de Zaccaria. Por isso, deduzo que, na consideração da verdade do fato, isso se liga de tal forma a toda a vida de Zaccaria que parece que o próprio fato deva ser um evidente testemunho comprobatório de sua santidade, sendo, de outra forma, inconcebível que, individualmente, o Apóstolo quisesse aparecer ao moribundo, chancelando, com a aparição, o relato de todas as ideias passíveis de serem feitas sobre a história da vida e das virtudes do Servo de Deus”.

Existem duas tradições distintas sobre essa *visio Pauli*, que Antônio Maria teve quando estava prestes a morrer. A primeira é exatamente a de padre Soresina, segundo a qual o Apóstolo apareceu, convidando o moribundo a ir com ele, sendo a resposta: “De bom grado!”. A segunda tradição é a narrada por Gabuzio, segundo a qual, na visão, aparecera o apóstolo Paulo suplicando a Deus que não deixasse Antônio Maria morrer, de modo que pudesse ser mais útil à Congregação, mas os outros apóstolos pediam que fosse estar no céu com eles.

6. “Desejava escrever sobre São Paulo, mas as contínuas ocupações e a morte prematura o impediram”.

Padre Soresina é o único a nos informar sobre esse desejo de Zaccaria. Nenhum outro biógrafo retoma essa notícia. Mas, é interessantíssimo saber que nosso Santo tenha querido escrever algo sobre o Apóstolo. Não nos espanta tal intenção, na medida em que, em suas Constituições, falando do estudo, afirma: “*Exortamos e queremos que cada um - porquanto possível - se esforce para desenvolver uma reflexão pessoal (mesmo que não seja muito adiantado nos estudos), até que seja para escrever um livro. Isso vale mais do que só conseguir a ciência tirada do livro dos outros ... O intelecto e a boa e perfeita capa-*

cidade do homem - mesmo sem o livro dos outros - já escreveu livros” (30805).

Certamente, Zaccaria não fez um estudo filológico das cartas paulinas, nem comentários dogmáticos; seu comentário, sem dúvida, teria sido em “*tom de palestras persuasivas, segundo o método dos Santos Padres*” (30904), propondo-se a revelar “*seu sentido mais oculto, principalmente aquele que é útil para a formação pessoal*” (30802). Mas, a brevidade de sua vida o impediu.

Portanto, Antonius alter Paulus, “um outro Paulo”. Um santo-fotocópia? Fez sucesso a frase de Carlo Acutis, frequentemente repetida pelo Papa Francisco: “Todos nascem originais, mas, muitos morrem como fotocópias”. Obviamente, com tal expressão mordaz, o jovem recentemente beatificado se referia à praga da homologação e do conformismo, difundida sobretudo entre os jovens, mas não apenas entre esses. A imagem da fotocópia, porém, não pode ser aplicada aos santos, todos conservam sua originalidade, ainda quando, por graça de Deus, encarnam o carisma de outro santo, que viveu antes deles. Talvez pudéssemos dizer que são, sim, “cópias”, mas, para usar outra metáfora, “cópias autênticas”, autenticadas pelo Tabelaio divino – o Espírito Santo – que neles imprime seu selo. Cada santo tem sua própria individualidade, vive em determinado tempo e lugar, pertence a um povo e a uma cultura, tem sua personalidade e seu caráter. Em uma palavra, cada santo é irrepitível. Pode, porém, ter qualquer coisa que o associa a outros, a outros santos que o precederam: o mesmo espírito, o mesmo coração.

Entre 1959 e 1961, o saudoso padre Giuseppe Motta, então estudante, sob orientação de seu vice-mestre, padre Giuseppe Cagni, publicou, inicialmente, seu *Rivivere* e, em seguida, no *Eco dei Barnabiti*, um estudo intitulado *Cor Antonii, cor Pauli*, expressão calcada na utilizada

por Crisóstomo: *Cor Christi erat cor Pauli*. Com essa expressão, o santo Arcebispo de Bizâncio pretendeu resumir a identificação de Paulo com Cristo: no peito do Apóstolo batia o coração do Mestre. Pois bem: poderíamos afirmar algo semelhante a propósito de nosso Fundador – no peito de Antônio Maria batia o coração de Paulo.

Seria Paulo, para Zaccaria, mais importante do que Cristo? Certamente, não. Mas, Paulo constituía o caminho através do qual Antônio Maria vivia sua união com Cristo. Provavelmente, deveríamos fundir as duas fórmulas, para descrever, de maneira correta e completa, a relação entre Zaccaria e Cristo, mediada por Paulo: *Cor Antonii, cor Pauli; cor autem Pauli, cor Christi*. Tal relação também deverá constituir o fundamento de nossa espiritualidade: em Antônio Maria encontraremos Paulo e, em Paulo, encontraremos Cristo.

A Espiritualidade de Santo Antônio Maria Zaccaria

P. Mauro M. Regazzoni

Em 27 de maio de 1897, o papa Leão XIII elevava às honras dos altares, inscrevendo-o no cânon dos Santos, nosso Fundador, Antônio Maria Zaccaria. A 125 anos de distância, recordamos aquele evento tão significativo para os Clérigos Regulares de São Paulo – chamados Barnabitas –, para as Angélicas de São Paulo e para os Casais (posteriormente, Leigos) de São Paulo). Todavia, se refletirmos um pouco, a canonização é apenas o sinal exterior, indicativo de uma realidade muito mais profunda, que planta as próprias raízes no dom da vida – e da vida em Cristo – por força da graça do Batismo. Uma vida santa é a resposta ao chamado à santidade, tornando-se, ao mesmo tempo, missão: a própria santidade é uma missão. Não é um ideal abstrato, como nos recorda o Papa Francisco: “Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso nos considerarmos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar” (*Evangelii gaudium*). Para Antônio Maria Zaccaria, tratou-se de discernir o próprio caminho de santidade, que lhe permitiu dar o melhor de si, não o reservando somente a si mesmo, mas fazendo dele uma missão, compartilhando-a com homens e mulheres, a quem insistiu para “se converterem a Deus interna e externamente”, em um percurso certamente pessoal, mas também comunitário; diferente, mas interdependente. Assim, nasceram os três “Colégios”, chamados a percorrer juntos um caminho que, de certo modo, antecipou o chamado à sinodalidade, feito pelo Papa Francisco, no discurso comemorativo dos 50 anos da instituição do Sínodo dos bispos, por parte de Paulo VI (17 de outubro de 2015). Nesse discurso, o Papa apontou a sinodalidade como um estilo, o modo autêntico de ser Igreja, nos recordando como “a sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. Embora não dito em termos tão explícitos, parece-me

que o convite do Fundador aos três Colégios tenha sempre sido o de dar visibilidade e concretude a essa sinodalidade, fazendo com que nós mesmos sejamos sínodos, pois sínodo é Cristo, que, enquanto “caminho, verdade e vida”, se faz nosso companheiro no caminho; e sínodos somos nós, um pelo outro, enquanto povo peregrino de Deus. Tudo isso nos é proposto hoje, mas, me parece bastante evidente que o Fundador já o fazia desde então, estando nós aqui, a recordá-lo, a fazer sua memória, porque somos, por assim dizer, um dos frutos de sua vida santa: breve, como de fato foi, mas santa.

Esse evento, evidentemente, deve fazer com que cada um de nós se interrogue e se empenhe em um percurso de memória e recordação, que não é simplesmente um retorno ao passado com a mente e os sentimentos – às vezes, um tanto nostálgicos e melancólicos – de coisas perdidas, mas sim uma renovação do coração, no presente, a nosso encontro com Cristo e, em Cristo, com Antônio Maria Zaccaria e sua família tão multiforme e variada, que atraiu nossa atenção e nossa decisão de seguir suas pegadas.

Refletindo sobre isso, pareceu-me que me encontrava diante de uma grande árvore a implantar suas próprias raízes no projeto de um Deus, Criador e Pai. Uma árvore que se nutre de uma linfa vital, que é a vida de Cristo e a graça e força do Espírito Santo, mas que é também a história de tantos homens e mulheres que nos precederam, os quais, com seus pontos fortes e fracos, seus talentos e fragilidades, de todo modo, responderam, com o seu sim, ao dom da vocação que lhes foi dada por Deus, fazendo crescer e consolidar o tronco, ainda que com mil rugas e barreiras. Uma árvore que estica seus próprios ramos para cima, a indicar a verdadeira e última meta de sua vida, ao mesmo tempo, estendendo-os por toda parte no horizonte do homem, para lhe oferecer abrigo, sustento e nutrição no caminho sinodal para Deus. Uma

árvore que produz não só belas folhas, mas também frutos ricos de substância, distribuindo-os sem reservas e sem apego ao passado. Em outras palavras, uma realidade que não só sabe produzir obras belas e admiráveis, mas também obras que sabem incidir, ainda que em outra medida, no tecido da Sociedade atual.

Dentre os ramos dessa árvore, não podemos deixar de reconhecer ainda as famílias religiosas nascidas posteriormente, como as Filhas da Divina Providência (P. Tommaso Manini), as Pequenas Operárias do Sagrado Coração (P. Erminio Rondini), as Missionárias de Santa Terezinha do Menino Jesus (D. Eliseo Coroli) e as Discípulas do Crucifixo (P. Gaetano Barbieri), que tiveram, em sua origem, um barnabita.

Voltando-se para o futuro, mas solidamente seguros nas próprias raízes, tanto os Barnabitas como as Angélicas de São Paulo e os Leigos de São Paulo são chamados a realizar no mundo um programa sintetizável na trilogia: “renúncia ao mundo; consagração total a Deus; zelo pela salvação das almas”, programa esse que encontramos nas Constituições de 1579. A prática de vida austera (caracterizada pelo absoluto desprezo das vaidades, das riquezas e dos bens terrenos e pela plena mortificação das tendências humanas negativas); os múltiplos compromissos em âmbito pastoral; a pregação (de preferência alimentada pelas cartas paulinas); e as missões junto ao povo; a formação catequética; a orientação espiritual; a administração dos sacramentos (com particular atenção à Eucaristia e à Reconciliação); e as várias formas de assistência aos mais fracos delineiam uma fisionomia espiritual que se relaciona sim com a tradição patrística e medieval e os movimentos do evangelismo, mas que igualmente se empenha em se renovar em um itinerário de aculturação e adaptação, como requerido pelos homens de nosso tempo, de modo a ser compreendida, aceita e assimilada.

Retomando as Cartas e os Sermões – além das Constituições –,

nos damos conta de que Zaccaria traça um itinerário exigente em direção à santidade, que considera dois aspectos fundamentais da vida espiritual: ação e contemplação, a primeira definindo não apenas o conjunto de atividades relativas aos deveres da profissão de fé e da caridade, mas indicando a própria vida espiritual em seu aspecto de compromisso e esforço pessoais; enquanto a segunda é “conhecimento de amor”, ligando-se, com a oração, ao afeto e à intuição, sendo, mais do que objeto de aprendizado teórico, fruto de experiência direta, razão por que, se não for praticada, será sempre ignorada, já que é muito mais fácil, como ressalta o Fundador, limitar-se à mera meditação ou reflexão mental, pois “a meditação é mais familiar ao homem do que a oração e a contemplação” (cf. 20324).

Tanto a ação quanto a contemplação encontram seu desenvolvimento em três momentos clássicos: deixar o exterior, superando a esfera da experiência humana imersa na materialidade e na sensibilidade; penetrar no próprio interior, recolhendo-se em si mesmo; e dirigir-se ao conhecimento de Deus (cf. 20215), para viver em familiaridade com Ele, que “se faz pai e mãe ao mesmo tempo”, ainda que seja “mais do que pai e mãe” (cf. 20205)

O que Zaccaria propõe é uma vida espiritual caracterizada pela oração, pela ascese, pela uniformidade no querer a Deus e pelo sentido de sua providência, além da prática da justiça e do amor. Mas, isso pressupõe um alto grau de interioridade, para perceber a linguagem silenciosa da consciência e do Espírito e se interessar pelos grandes temas da salvação pessoal e do mundo, do aperfeiçoamento moral e da busca do bem, requerendo assim que o trabalho, o divertimento, as relações sociais, os cuidados com a própria pessoa e as experiências da própria sensibilidade não ocupem o coração a tal ponto de sufocar todo desejo de vida espiritual. “Ter sempre Deus no coração” exige, portanto:

- um trabalho de purificação das inclinações ruins, viciadas, obtendo-se a vitória sobre si mesmo, a fim de transformar o homem velho em homem novo, combatendo, em primeiro lugar, a idolatria, ou seja, com-

batendo tudo aquilo que se opõe e substitui a Deus, desaguando no culto de si mesmo, do outro e das coisas, o que é causa do que pode definitivamente ser um “adultério espiritual”, levando a abrir caminho para a superstição;

- um contínuo exercício espiritual, alimentado pela *lectio divina* e pela oração mental, devendo ser frequentemente controlado para não cair no formalismo. Segue-se, como consequência, o evitar a palavra de ordem dos tíbios: aquele “Basta”, que contradiz uma das leis fundamentais da vivência espiritual, que é exatamente o avançar contínuo: o Fundador nos recorda, em essência, que o homem não pode colocar limites a seu progresso espiritual, pois “*o tamanho da perfeição é infinito*” (31821);
- um humilde serviço ao próximo. E o Fundador apresenta exatamente a idolatria como o alvo principal que se oferece à ação apostólica de seus discípulos, chamados a eliminá-lo, juntamente com “*outros defeitos grandes e graves das pessoas*” (10502), já que “seu proveito e perfeição consumada” estão estritamente ligados à própria perfeição.

Por outro lado, a verdadeira prática pastoral parte do pressuposto de que, se consideramos Deus nosso amigo, deveríamos gostar daquilo que Ele gosta. Tendo Deus amado o homem até o ponto de se encarnar e morrer na cruz pela sua salvação, se Lhe queremos verdadeiramente bem, não podemos deixar de nos considerarmos devedores de um tal amor, aceitando que Ele confie nosso próximo a cada um de nós. Com efeito, o Fundador nos lembra que o próximo é o meio que permite ao homem expressar ativamente o seu amor a Deus. O programa a ser posto em prática prevê, então, que os seguidores de Zaccaria sejam “*pessoas simples, fervorosas, preocupadas com o crescimento do próximo*”, que não deixem de “ganhar nos outros” (11004) e que, de tudo isso, tenham um “*desejo infinito*” (10505). O que signifique esse ganho o intuimos quando o Fundador fala em “*levar o próximo ao verdadeiro verdadeiro espírito vivo*” (10502), ao cultivo do “*dom mais precioso que é o seu interior*” (cf. 20212) e de como seja esse o primeiro dever do apóstolo. A estratégia a ser seguida parte de uma ascese robusta,

que nos ajuda a nos tornarmos “pequenos vasos da graça” divina, ou seja, receptáculos do Espírito Santo, que nos torna “exemplos vivos de Cristo”, nos remodelando à sua imagem para que nos apresentemos ao nosso próximo como imitadores de Cristo. Trata-se, pois, de ganhar não somente em si mesmo, mas também nos outros: o primeiro ganho se completa no segundo. Nesse ponto, devemos nos lembrar do que João Clímaco aconselhava aos sacerdotes: não faltar a seu empenho do ministério por causa de suas próprias limitações, pensando que aquilo que se prega aos outros se diz, antes de tudo, a si mesmo. A exortação é a de jamais perder o fervor primitivo de ganhar o próximo para Cristo, sabendo que, como nos lembra Paula Antôni Negri, “*gastando-me pelo próximo, o Cristo Crucificado me dará de volta a luz e o fervor que me animavam*” (11204). Em outras palavras, devemos tornar nosso e manter vivo em nós o desejo que foi o do Fundador: “*Meu desejo foi sempre o de vê-lo progredir sem parar*” (11002). Somente assim é possível carregar “*o peso da missão*” (10607) de uma verdadeira reforma.

Os Barnabitas, as Angélicas e os Leigos de São Paulo herdaram de Zaccaria um carisma fundado substancialmente em dois pilares espirituais, que têm seu ponto de encontro no sacrifício da Missa:

- a imitação e pregação de Cristo em sua realidade nua e crua de Crucificado e, portanto, privado de qualquer idealização abstrata: cruz e Crucificado são os dois pontos de referência essenciais dessa imitação, pois aceitar a primeira é obedecer ao mandamento de Deus de “assumir, todos os dias, a nossa cruz”. E a cruz deve se tornar objeto de meditação por parte do cristão, lendo e pondo em prática continuamente com o livro da “*memória da cruz de Cristo*” (11109), colocando-a com coragem acima da tibieza. O cristão não pode, então, se contentar em contemplar a cruz de Cristo, devendo sim carregar também a própria cruz, sabendo que, para o religioso em particular, “a religião é uma cruz contínua e progressiva” e estando consciente de que só podemos produzir frutos “*aceitando e carregando a cruz [continuamente]*” (10711). Somente na cruz o cristão encontrará a verdadeira paz e a verdadeira paciên-

cia. Olhar para a cruz, carregar a cruz, significa exatamente olhar para Aquele que, na Cruz, se torna o polo de atração de todo cristão, se torna o conteúdo da pregação cristã, se torna Aquele com quem confabular familiarmente e a quem pedir conselho, diante do qual se deve orar e interceder pelos outros, Aquele em quem devemos reconhecer e amar nosso próximo, conscientes de que sua maior e mais pestilenta inimiga é a tibieza, que torna o homem um animal.

- a Eucaristia: ou seja, o sacramento da conversão, o sacrifício que, para dar frutos, pressupõe o sacrifício do corpo, “*mortificando-o por amor a Deus*”, e o da alma, “*unindo-a a Deus*”, e impõe o abandono de dois modos não autênticos de relação com o sacramento: um de tipo mágico, quando se presume que a recepção sacramental tenha efeitos miraculosos; e o outro, quando se banaliza a comunhão, recebendo-a por “costume”. O Fundador está profundamente convencido de que não haja nada que nos possa santificar mais; com isso compreendemos seu convite insistente a comungar com frequência. Isso há de empenhar os Barnabitas a modificar a mentalidade comum a propósito da prática sacramental, que, ainda hoje reduz a comunhão eucarística a um acontecimento anual, difundindo a prática da comunhão frequente e dando, antes de tudo, o exemplo, bem como propagando a adoração eucarística na forma das Quarenta Horas públicas, em cuja origem estão Zaccaria e seus seguidores.

A referência ao *Christo passo* se reporta imediatamente ao patrono sob o qual se pôs a Congregação: patrono, modelo e mestre dos Barnabitas é São Paulo, tendo o pensamento do Apóstolo dos Gentios a permear cada capítulo das Constituições e dos outros Escritos de Zaccaria. O Apóstolo dos Gentios é aquele que Santo Antônio Maria Zaccaria aponta como base sobre a qual construir “*não prédios de palha ou de lenha e sim de ouro e pedras preciosas*” (10604). Ele mesmo se

assina padre de Paulo Apóstolo e chama os Barnabitas e as Angélicas de filhos e filhas de Paulo apóstolo, “*filhos e plantas de Paulo*” (10712). Zaccaria propõe Paulo como ideal de vida, chama-o de divino, divino pai, doce pai, santo pai, casto Paulo, douto Paulo, verdadeiro amigo de Deus, nosso guia e patrono, etc. Considera-o o “mestre”, não só por seus ensinamentos, mas também por seu exemplo. Parece mostrar profunda confiança no Apóstolo: “*Ó querido pai, você suou e sofreu e nós recebemos os frutos, você carregou a cruz e nós descansamos demais! Pois agora, nós faremos crescer os seus frutos e os nossos também, aceitando e carregando a cruz*” 10711). Faz-se mesmo ardente: “*um dia serei invejado por São Paulo, porque vocês, tal qual as filhas do Apóstolo, desejam ardentemente sofrer por Cristo, renunciaram a tudo e a si mesmas, procuram levar o próximo ao verdadeiro espírito vivo e ao Cristo Crucificado; e, mais ainda, porque vocês - não uma só e sim todas - deixando de lado toda estima própria e consolação interior tornaram-se apóstolas*”(10502).

Enfim, não menos articulada e vivaz é a devoção mariana dos Barnabitas, vinda da lembrança de **Nossa Senhora das Dores**, cujas dores são matéria de “pensamentos compungidos”, em que deve se exercitar a mente de quem reza, enquanto a Ave Maria se toma como medida de tempo para elevação da mente a Deus; passando pela peregrinação a Loreto e resultando, no século XVIII, na veneração a **Maria, Mãe da Divina Providência, Auxiliadora dos cristãos**. Por mais fugazes e eventuais que sejam as referências à Virgem Maria nos Escritos do Fundador, não se pode deixar de colher, naqueles poucos trechos, os sentimentos filiais que ele nutria em relação à Mãe de Deus, sobretudo quando nos lembra: “*Através de quem o homem (Adão) pecou? Através de Eva, sua mulher! Do mesmo modo, através da mulher, isto é, da Virgem Mãe Imaculada, Nossa Senhora a Virgem Maria, Deus quis*

libertar o mundo” (20421).

A Maria, Mãe da Divina Providência, confiamos, com coragem e esperança, nosso caminho pessoal e comunitário de santificação, renovando, em nós, o propósito que nos é sugerido pelo próprio Fundador, ou seja, de “nos adequarmos aos nossos pedidos”, se quisermos ver cumprido em nós o que verdadeiramente desejamos. Não basta rezar: é preciso pôr-se à disposição para receber de Deus o dom requerido e, assim, demonstrar com fatos que desejamos verdadeiramente o que pedimos.

O processo de canonização de Santo Antônio Maria Zaccaria

Mons. Sergio M. Pagano
Prefeito do Arquivo Apostólico Vaticano

Atendo-se aos autos do processo, o Papa Bento XIV – que conhecia bem os Barnabitas – respondeu a quem lhe pediu se poderia introduzir a causa: “*Encontrem 2 ou 3 testemunhas oculares da santidade de vosso Fundador e a causa será admitida*”. Estávamos em 1750 e as perspectivas, portanto, eram boas. Em 1796, o padre Pietro Maria Cortenovis fez outra tentativa: reuniu diversos escritos sobre as origens da Congregação e, naquele ano, nossa Congregação estava pronta para introduzir a causa, mas aconteceu um evento histórico que a atrapalhou: a ocupação francesa de Roma e a primeira República Romana, que durou dois anos, mas foi uma desgraça, porque os republicanos eram hostis, anticlericais natos, tendo destruído, queimando – como sabemos – vários arquivos. O momento era, pois, infausto, de modo que psddou o século XVIII e chegamos ao XIX, quando a Congregação decidiu dar andamento ao processo, tendo crescido o interesse pela figura do Fundador, que, então, nem todos os seus membros conheciam adequadamente. Finalmente, em 1802, em Milão, instaurou-se o processo diocesano milanês. O postulante-substituto era o Padre Carlo Giuseppe Mantegazza, de Monza, que, embora não sendo hagiógrafo, nem muito adequado para a postulação, tinha muito orgulho de pertencer à Congregação; sendo assim, se comprometeu bastante com o processo em sua fase milanesa. Graças à ajuda dos confrades, ele preparou os artigos que deveriam ser provados no processo diocesano: 127 artigos sobre a vida e a preciosa morte de Zaccaria. Por exemplo, o artigo 122, preparado pelo padre postulador, dizia: *Embora sepultado o cadáver do Servo de Deus, não se apagou a memória de sua heroicas virtudes, nem tampouco se esfriou a devoção para com o mesmo, que, ao con-*

trário, foi sempre crescente. Para não ser proibido o culto público, sem permissão da Santa Sé, a quem morrera com fama de santidade, logo começou a ser exposta em várias igrejas sua imagem adornada com esplendor e título de Beato. Diante da imagem não só se mantinham velas e lâmpadas acesas, mas frequentemente se viam pessoas ajoelhadas, suplicando graças e pendurando imagens votivas em sinal das já recebidas.

Essa foi a tentativa do Pe. Mantegazza de aprovar o culto, mas não tinha ainda explorado o bastante toda a documentação relativa ao processo milanês, no qual, estendendo-se de 1802 até 1804, foram ouvidas 14 testemunhas, muitas das quais Barnabitas, três Angélicas e dois sacerdotes de Milão. Todavia, quem está no centro desse processo e merece o verdadeiro título de agente da beatificação de Zaccaria não é um Barnabita, mas um sacerdote ambrosiano, Gaetano Bugati, prefeito da ambrosiana, que, durante seu testemunho, expôs todos os documentos que pesquisara, obtivera e dos quais podia falar. Dizia padre Giuseppe Cagni – infelizmente já falecido e a cuja memória gostaria de dedicar essa nossa conversa, pois foi verdadeiramente um grande apreciador de nossa Congregação – que monsenhor Bugati mereceria, da parte dos Barnabitas, um processo de beatificação, pois, sem ele, não teríamos tido êxito para chegar às conclusões históricas processuais, que ele – hábil mestre dos documentos – conseguiu encontrar durante o processo. O que ele fez? Antes de responder às perguntas dos juízes e porque conhecia bem as exigências dos artigos da postulação Mantegazza, tratou de se documentar. Ou seja, fez o que os Barnabitas não tinham feito. Foi a Cremona, Milão e Soresina, e encontrou muitos atos notariais que ninguém tinha procurado, nos quais nosso Fundador atuou, podemos dizer, em coisas seculares, mas muito importantes para ele, quer sua mãe ainda estivesse viva, quer depois de morta. Bugati encontrou instrumentos notariais sobre a vida de Zaccaria desde 1502,

ano de seu nascimento, até 1539, ano de sua morte, dentre os quais o testamento da mãe do nosso Fundador, atas e escritos da condessa Torelli e atos notariais de nosso confrade Bartolomeo Ferrari. Na prática, Bugati foi o primeiro a se pronunciar sobre a precedência de Zaccaria como fundador em relação ao padre Tiago Antônio Morigia.

Ora, a diatribe entre nossos fundadores era uma questão bastante pesada para o processo, talvez se constituísse em uma das razões da demora. Bugatti, ao contrário, se pronunciou a favor de Zaccaria como verdadeiro Fundador dos Barnabitas. Buscando ainda o processo milanês contra os Guastallini, Bugatti provou que no mesmo processo, que apontava seja para à Negri, seja para a Torelli, Zaccaria foi muito exposto: ele dizia que Zaccaria estava presente em Milão, mas não aderira a nenhum dos lados e trouxe outros atos e instrumentos notariais, como testemunham, dentre outros, Carlo Tonelli, depoente no processo e o cônego Giuseppe Ferrara. Bugati foi ainda o primeiro a apresentar ao Tribunal diocesano de Milão os documentos e súplicas que os Barnabitas dirigiram ao Pontífice com Zaccaria ainda em vida, bem como o Breve de resposta ao próprio Zaccaria e aos Paulinos, ou seja, à Congregação – e, nesse ponto, sua ação jurídica nos foi muito útil. Bugatti reúne testemunhas contemporâneas de nosso fundador. Sem querer me alongar demasiadamente, gostaria de ressaltar que essa operação verdadeiramente meritória de mons. Bugati fez com que fossem examinados um pouco mais criticamente do que no passado as “Pequenas Crônicas A, B e C”, os testemunhos de Serafino Aceti de Fermo e de Bonsignore Cacciaguerra, a “Crônica de Milão” de Gianmarco Burigozzo e as “Memórias” do Pe. Paolo Melso, as “Memórias” do Pe. Giampietro Besozzi, os escritos de Lorenzo Davidico, a quem o Fundador chamava “meu Divino Padre Castellino”. Mesmo os santos se enganam, pois Davidico não era nem divino, nem padre, mas sim um grande malfeitor, que, após nos deixar, tentou testemunhar com uma pregação muito vã, foi investigado pelo Santo Ofício em 1555, tendo, atualmente, sido publicados os processos nos quais se vê que era um homem bastante

desequilibrado: aquele que escreveu o “Labirinto dos loucos” não saiu desse labirinto, tratando-se de uma figura que, no entanto, nas loucuras que escreveu, deu em relação a Zaccaria testemunhos muito positivos. Essa também é uma operação que se deve a Bugati. Além disso, temos as “Attestazioni” de padre Soresina, muito estudadas pelo padre Cagni; os escritos de Gesuato Paolo Morigia, Pe. Nicola d’Aviano, os livros das “Diversas coisas” do Mosteiro de São Paulo das Angélicas; a história do mosteiro de São Paulo da Angélica Paola Antonia Sfondrati, os ‘Ditos notáveis’ de Zaccaria e tantos outros.

Dentre os testemunhos posteriores, avaliados pelo processo milanês, há, sem dúvida, o de um personagem importante, que, embora pouco tivesse escrito sobre o Fundador, destaca-se pela personalidade: nosso Carlo Bascapé, bispo de Novara e anteriormente nosso preposto geral.

Jamais me lamentarei o suficiente pelo desinteresse ou pelo pouco interesse por parte de nossa Congregação: o processo de Bascapé se paralisou, faltando os milagres, mas faltou sobretudo um estímulo em Novara, onde, com a morte dos sacerdotes que veneravam Zaccaria, restaram poucas memórias. No entanto, Bascapé, secretário de São Carlos Borromeu, foi verdadeiramente santo, amava a Congregação, mas seguiu infelizmente o destino de outros de nossos padres, dos quais vamos, passo a passo, nos esquecendo. Após Bascapé, foram ouvidos os padres Tornielli e Giovanni Antonio Gabuzio. Há ainda a imagem feita de cobre de Milão em 1615, onde aparece Antonio Maria Zaccaria já praticamente com alguns raios de santidade e um certo peso. Em seguida, vêm, dentre muitos outros, os testemunhos dos padres Giovanni Ambrogio Mazenta, Innocenzo Chiesa, as “Memórias” da Angélica Anônima, Giovanni Battista Fontana de’ Conti, Matteo Priuli, bispo de Vicenza, São Carlos Borromeu, Carlo Antonio Tapia, jurisconsulto e

São Francisco de Sales. Nesse longo curso, que durou anos, mas que se desenvolveu positivamente na Cúria Milanesa, surgiram as questões nodais desse processo tardio (1814). Uma foi a indagação: Por que os Barnabitas demoraram tanto para introduzir a causa, visto que estavam tão convencidos da santidade de seu fundador? No procedimento desenvolvido perante a Sagrada Congregação dos Ritos, isso contava muito e, nesse ponto, Bugati também ajudou:

- O primeiro motivo se liga a uma polêmica do padre Giovanni Ambrogio Mazenta, que tirou o título de Fundador de Zaccaria, em favor de Morigia, o que não ajudou à causa: essa polêmica desestimulou os Barnabitas a introduzirem logo a causa, pois perceberam tal dificuldade.

- Houve outros motivos: quando parecia que a causa poderia se encaminhar, ocorreu a peste de 1630 em Milão – e, para a Congregação, Milão era tudo: tudo acontecia entre Milão, Cremona, Monza e um pouco mais além. Na peste de 1630, morreram 20 Barnabitas em Milão e 22 em outras cidades da Lombardia. É fácil perceber que, desaparecidos 44 religiosos, dentre os mais doutos, com eles se vai também o culto, se vai a história da Congregação: uma epidemia que nos custou diversas perdas, que certamente retardaram a causa.

- Houve ainda outra falta inevitável: não existiam mais testemunhas de visu, ou seja, pessoas que tivessem conhecido Zaccaria ou mesmo de auditu a videntibus, ou seja, por ouvir dizer de alguém que o conhecera. Tinham se passado 263 anos da morte de Zaccaria e, assim, era difícil levar ao processo depoimentos orais de testemunhas. Mas, tínhamos os testemunhos escritos que Bugati recuperara e remontavam a quando o fundador ainda vivia ou a pouco depois de sua morte. Com esses escritos foi suprida a falta de testemunhos, que efetivamente eram fracos.

- Havia outra dificuldade em relação ao processo: a ação ambígua da angélica Paola Antonia Negri, do banimento dos Guastallini, que passaram ao domínio de Veneza de 1551, até à visita apostólica à comunidade de São Barnabé, em 1552, causada por ela. No processo milanês, disse Bugati: “foram os desvios da Negri que deram origem às des-

graças que se seguiram”. No processo milanês, todos os testemunhos foram unânimes na condenação da Negri: essa figura foi nociva para o Fundador e, certamente, para a introdução do procedimento da causa.

- Mais uma dificuldade: a condenação, por parte do Santo Ofício, das obras de frei Battista Carioni de Crema, que era Dominicano e não Barnabita, mas estivera em contato com a Negri, tendo, por isso, essa condenação também repercutido em nós.

- Outra pequena dificuldade – que, no entanto, creio não atrapalharia a causa – veio à luz no processo através de uma carta, uma das últimas, escrita pelo nosso Santo Fundador às Angélicas e a Negri, antes de morrer, em 10 de junho de 1539. Nessa carta, o Fundador, citando são Paulo, traz frases pouco claras, parecendo aludir a um desvio da Negri e padre Fontana a interpreta nesse sentido: vejam que Zaccaria, antes de morrer, já tinha se dado conta dos desvios dessa mulher. O tribunal acreditou nele. Nós acreditamos? Depende das nuances que se queiram dar a essa carta do Fundador. A mim, parece possível que ele visse o perigo, mas também é possível que fosse um pressentimento genérico, não muito particularizado. Essa é uma questão que, a meu ver, deve ser ainda estudada.

- A última dificuldade, dentre as questões que prejudicavam o processo, foi o comportamento da condessa Torelli: no final, nos últimos anos de sua vida, abandonou as Angélicas, cancelou os proventos que dava aos Barnabitas e, na prática, negou o que fora sua grande devoção, não digo tanto a Zaccaria, que já tinha morrido, mas à família de Zaccaria que, naquele momento, éramos nós.

Todas essas causas, juntas, justificam e permitem compreender por que foram necessários 358 anos para se chegar a esse processo. Também apontam a existência de sérios motivos para que os Barnabitas, prontos a partir, tenham se detido, repensado, reconsiderado, buscando e desejando apoios mais seguros para introduzir o processo, que, infelizmente, como vimos, só se iniciou em Milão em 1802. Alguém chegou a dizer: “Infelizmente, com tantas causas, a essa altura, já esta-

mos demasiadamente avançados nos anos; passaram-se 260 da morte do Fundador, não há mais qualquer esperança...”. No entanto, através de Bugati e de todos os Barnabitas ouvidos, através sobretudo da documentação reunida, esse processo milanês foi bastante positivo, porque pôde demonstrar que as fontes que vinham à cena naquele momento conseguiam mesmo corrigir a cronologia da vida de Zaccaria, sendo Bugati o primeiro a dizer: “Vejam que não nasceu em 1500, pois um documento notarial mostra que tinha dezoito anos quando foi redigido, tendo, portanto, nascido em 1502”, sendo assim retificada a data. E não só isso: todos os documentos, por ele examinados criticamente, trazem à luz a santidade de Zaccaria, a honestidade de sua pessoa, a coragem de suas ideias, bem como a consequência de deixar uma herança que foi – e é – muito positiva

Há outro obstáculo, que deixei para o final: em 1634, Urbano VIII emana os famosos decretos *super non cultu* – isto é: os santos, os beatos, ou melhor, os homens mortos com aroma de santidade, que gozaram dessa fama de santidade *ab immemorabili tempore*, podem ser incluídos nos *casus excepti* desses decretos urbanianos. O que aconteceu, então? Os Barnabitas estranhamente não se aproveitaram disso. Quando, em 1700, surgiu a tendência de iniciar o processo, por que os Barnabitas não pediram para incluir Antônio Maria Zaccaria, que morrera em 1539? Àquela altura tinham se passado 95 anos dos decretos de Urbano VIII. Então, por que não incluir Zaccaria dentre os beatos *ipso facto*, sem processo? O Papa o concedia, desde que existisse um culto *ab immemorabili tempore*. O problema foi dos canonistas, que perguntaram ao Papa o que se entendia por *ab immemorabili tempore*, tendo sido precisado: “100 anos da morte”. Todavia, aqui estávamos a 95 e poderíamos pedir uma dispensa dos 5 anos. Por que não foi pedida? Esse é um ponto misterioso, a ser investigado. Tanto mais que esse fato salta aos olhos, pois o bispo de Pavia fez incluir Santo Alexandro Sauli dentre os *casus excepti*, fazendo-o ser considerado beato trinta e dois anos após sua morte – e nosso fundador tinha 95 da morte! Por

que não o fizeram entrar dentre os casos compreendidos como beato? Se isso tivesse acontecido, a canonização teria ocorrido muito antes. Mas, tal não aconteceu até quando o faria valer o padre Giuseppe Granniello, posteriormente tornado cardeal. Ele percebeu o erro cometido: os Barnabitas tinham perdido uma ocasião preciosa, muito importante, pois nosso Fundador estava morto ab immemorabili tempore e poderia gozar do título de Beato, podendo ser reconhecido canonicamente com tal título – e esse passo não fora dado. Até que se chegou ao processo de 1802 com todo seu desgaste. Em 1805, deu-se o processo de conhecimento romano; em 1808/1819 o processo apostólico com o padre Mantegazza. Em 1818, se encerrou a cópia do processo público, sendo essa enviada a Roma. Ali foi publicada a Positio, bastante modesta, e, em 1824/1825, se reuniu a Congregação dos Ritos para a causa de Zaccaria. Entre 1873 e 1876, em Cremona e, em seguida, em Bolonha, foram divulgados três milagres de Zaccaria e o Papa Leão XIII, em 1896 – vejam que já estamos no final do século – reconhece sua validade, dispensando o quarto milagre que, então, era necessário para se chegar à beatificação.

Nesse ponto, entra em campo pó adre Granniello, a quem o próprio Papa fizera cardeal. Consultor da Congregação e hábil jurista, percebeu o erro cometido, orientou o processo, ainda de beatificação e canonização, de tal modo que os três milagres aprovados não valeriam para a beatificação, mas sim para a canonização, pois aquela se enquadrava nos casus excepti de Urbano VIII. A seu ver, nosso Fundador tinha todos os títulos para ser beato já em 1634 e o demonstrou, fazendo um longo pró-memória. O papa aceitou. Os Barnabitas, porém, estavam um tanto preocupados, porque esse trabalho já tinha sido feito nas primeiras décadas do século XVII. Mas, Granniello venceu, e o Fundador foi reconhecido beato como casus exceptus dos decretos urbanianos e os milagres valeram para a canonização.

udo seguiu como devia ser, foi preparada a bula “Dilectus Domini Nostri” de Leão XIII e, finalmente, em 27 de maio de 1897, há 125

anos, na Basílica de São Pedro, triunfaram as figuras de Antônio Maria Zaccaria e do francês Pierre Fourier, canonizado com ele sob o glorioso radial de Bernini. A Basílica estava iluminada por 950 candelabros: parecia um paraíso, como se fazia então. Papa Leão XIII proclamou solenemente nosso Fundador como santo e, assim, a causa se encerrou. A canonização, obtida tão tardiamente e com tanto esforço: a Postulação dos Barnabitas implicou em um custo de 120.000 libras para adornar a basílica. Mas, uma soma maior, umas três ou quatro vezes superior, fora gasta para a *Positio romana*.

As últimas considerações que podem ser feitas são as de que nós cometemos erros na primeira parte, mas naquele tempo, as coisas se faziam conforme o Direito Canônico, de acordo com a reforma das causas dos santos, introduzida pelo Papa Lambertini (Bento XIV). Tanto é verdade que, quando Zaccaria foi proclamado Santo em Roma, o cardeal Parocchi, vigário do Papa para Roma, escreve: “Pela terceira vez – exemplo raríssimo na história – o Pontífice reinante decide conceder a dois beatos a suprema honra dos altares”. Um Papa, com uma vida longa como Leão XIII, fizera apenas três santos em seu papado, quando, hoje, eu, como prefeito do arquivo, recebo dos bispos postulantes das várias beatificações uma carta a cada dia. Para esses santos que se fazem hoje assim, currenti calamo, as coisas são bem feitas? São feitas no tempo devido? Tenho um grande problema de consciência: há um Papa vivo, emérito, Bento XVI, que, certa vez, em um colóquio em que eu estava presente, disse que a única Congregação em que jamais queria botar os pés era a das Causas dos Santos. As coisas não vão bem; iam melhor naquela época.

Para nós foi negativo, mas nos permitiu que, no caminho tão trabalhoso e tão longo do processo, obtivéssemos muitos testemunhos e, afinal, o fruto mais desejado e mais saboroso: fomos premiados com uma canonização pleno jure. Pode-se dizer que foram reconhecidos ao nosso Fundador os títulos de beato e de santo, na mesma cerimônia.

Ao término da conferência de Mons. Sergio Pagano, seguiu-se uma pergunta do Pe. Giovanni Rizzi, referente ao livro de Elena Bonora sobre a história da espiritualidade de nossas origens, que diz, quando foi publicado, que parecia conter uma documentação, talvez das mais amplas sobre nossas origens e a conclusão de Bonora, de um ponto de vista histórico, foi um tanto diferente em relação às atuais conclusões que estamos buscando. Disse ainda que lhe parece jamais ter sido feita uma verdadeira análise crítica do livro, mas apenas sinalizações de gênero literário. Perguntou, então, o que mons. Pagano poderia dizer sobre esse ponto.

Resposta de mons. Pagano: Elena Bonora – evocando os antecedentes – pediu para ser admitida no Centro Studi de S. Carlo ai Catinari em Roma, onde recebeu toda a assistência do Pe. Giuseppe Cagni, que lhe forneceu diversos documentos, tendo ela lhe ficado muito grata, inclusive agradecendo a ele no livro. Todavia, falei durante longo tempo com o Pe. Cagni, apontando os problemas do livro que, aqui, em breves palavras, apontei. As conclusões se devem ao fato de que todo historiador, em geral, parte de seu preparo, dos estudos anteriores e de uma visão das coisas. Elena Bonora é uma excelente docente, mas é leiga e sabe pouco de Congregações religiosas ou, como então, nada. Ela se introduziu nesse mundo e, com Pe. Cagni, víamos que algumas fontes, como as “Pequenas Crônicas”, foram interpretadas ad usum delphini, para chegar a um determinado juízo que à época se quis expressar – e isso não é historicamente aceitável. As fontes devem ser lidas em um contexto, contextualizadas com a espiritualidade do século XVI. Bonora lê tudo em chave evangélica, pois uma coisa é Vittoria Colonna, uma coisa é Matteo Priuli, uma coisa Marcantonio Flaminio e outra coisa é Antônio Maria Zaccaria, que não se ressentiu do evangelismo italiano e muito menos da Reforma. Portanto, algumas conclusões do livro devem ser meditadas.

O que diz Padre Rizzi é verdade: jamais foi analisado criticamente, ainda que me tenha sido pedida tal análise exatamente pelo Pe. Cagni, mas eu não quis fazê-lo, porque, conhecendo um pouco a escola de Bonora e também alguns historiadores que a apresentaram, parecer-me-ia de péssimo gosto criticar o seu livro. Deixarei essa tarefa para outros Barnabitas que quiserem fazê-lo. Mas, não devemos acreditar cegamente nem no que está escrito em tal livro, nem no que está escrito em outras obras posteriores, talvez colocados em revistas históricas ou em monografias dedicadas ao século XVI. É preciso ser sempre fiel às fontes, interpretá-las no contexto e compreender os problemas. O historiador não deve julgar, muito menos trachant, mas sim compreender o problema, o contexto e explicar como determinadas coisas aconteciam então e como, posteriormente, foram julgadas de maneira diferente.

Estas Conferências foram apresentadas de 23 a 26 de maio de 2022, dias que antecederam as comemorações dos 125 anos da canonização de nosso Pai e Fundador Santo Antônio Maria Zaccaria e foram publicadas em Barn@bytes 22 aos 5 de julho de 2022.

Os textos foram traduzidos por Maria Lúcia Pereira Karam e revistos por Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP, Rio de Janeiro, agosto de 2022.

Padres e Irmãos Barnabitas